

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: OESP Class.: Juma 16

Data: 01/03/94 Pg.: A15

ÍNDIOS

Programa do Cimi pretende impedir extinção dos jumas

Depois de perder parte considerável de sua população em confronto com donos de seringais, os sete jumas remanescentes esperam ver a etnia crescer a partir de casamentos com os parintintins

KATIA BRASIL
Especial para o Estado

MANAUS — O encontro entre índios jumas do Amazonas e parintintins, de Rondônia, pode desacelerar o processo de extinção da etnia juma, um dos grupos sobreviventes da grande nação tupi-cavaíba. O encontro está marcado para o início deste mês e será promovido pelo Conselho Indigenista Missionário (Cimi) Norte I. Juntos, os dois grupos, pretendem construir uma nova roça para o plantio de mandioca e banana.

Hoje os jumas são apenas sete: o velho tuxaua Marimá, 67 anos; sua mulher, Inté, 65 anos; o guerreiro Iduka, 57; e sua mulher, Mariná, 50 anos. As três meninas, Guarai, 14 anos; Tohati, 11 anos e Pitanguí, 9 anos vivem em dilema: não há mais guerreiros para os matrimônios, o que pode vir a ser propiciado no encontro com os parintintins, que falam a mesma língua e são procedentes da nação juma. Os jumas foram dizimados em confrontos com seringueiros.

A Fundação Nacional do Índio (Funai) discorda da proposta do Cimi alegando que, apesar de falarem a mesma língua, os parintintins são civilizados. O contato com esses índios ocorreu há 50 anos.

Os tuxauas parintintins viajarão 300 quilômetros, saindo do Rio Madeira, em Rondônia, e enfrentarão estradas e rios para chegar às malocas Joari Tapui e Canutamã, a um dia de caminhada da sede de Lábria, no Amazonas. Os jumas vivem numa área de 37,4 mil hectares, a mil quilômetros de Manaus.

Para o antropólogo do Cimi e coordenador do encontro, Gunter Kroemer, um alemão que trabalha há 20 anos com os índios, o encontro entre os jumas e parintintins preservará a autonomia de cada grupo. Ele diz que há expectativas quanto à aproximação das índias com os índios parintintins, mas que o objetivo inicial não é esse. "Queremos manter as tradições e cultura desse povo, que atualmente vive em total estado de miséria e abandono."

Num primeiro encontro, ocorrido no semestre passado, quatro tuxauas parintintins visitaram as aldeias jumas. Eles são membros de organizações indígenas de Rondônia e permaneceram com os jumas cinco dias. Eles proporcionaram aos sete jumas momentos de alegria e tristeza. "Cantaram e choraram porque, pela primeira vez em mais de 15 anos, falaram o mesmo idioma e lembraram a vida e morte dos guerreiros", disse Gunter Kroemer.

Apesar do clima de expectativa para o encontro dos parintintins e jumas, a Funai discorda da proposta do Cimi de promover o encontro. Para o coordenador do Departamento de Índios Isolados, sertanista Sydney Possuelo, os jumas estão classificados entre os índios desassistidos porque já mantêm um certo contato com a civilização branca. "É gozado

o Cimi se interessar agora por eles, uma vez que já passaram por ali várias entidades católicas e protestantes e nada fizeram", disse Possuelo.

"É importante fazer alguma coisa efetiva; a Funai, no momento, só pode proporcionar um trabalho de assistência de saúde para que o grupo cresça no futuro." Segundo Sydney Possuelo, os jumas recebem essa assistência do posto da Funai, em Lábria, e apoio da Fundação Nacional de Saúde.

O indigenista Adolpho Kilian, que trabalhou com os jumas até setembro de 93, também discorda do encontro, afirmando que os parintintins são alheios à cultura dos jumas. "Os parintintins estão integrados à nossa civilização, os jumas são primitivos e podem tornar-se eternos escravos dos parintintins", disse.

Kilian também discorda da atual política de assistência dada pela Funai aos jumas. Segundo ele, o órgão entende que a etnia não é classificada entre os índios isolados, já que eles mantêm contatos com ribeirinhos e seringueiros que exploram o comércio de castanha na região. "No entanto, sabemos que eles são completamente primitivos e mantêm a cultura intacta; para a Funai, se não estiver nu não é isolado", disse.

Gunter Kroemer rebateu as afirmações da Funai e disse que nos programas do plano de proteção do ambiente e comunidades indígenas, os jumas não foram beneficiados e que a Funai os abandonou por achar que não estão classificados dentro de grupos isolados.

PARA O
COORDENADOR
DO ENCONTRO,
GRUPOS
TERÃO
AUTONOMIA
PRESERVADA



Marimá, Inté e Tohati, jumas que vivem na aldeia do Rio Purus: esperança de manutenção da cultura

Jesuítas identificaram o grupo

Foram os jesuítas espanhóis os primeiros a identificar o grupo indígena juma por volta de 1600 no médio Rio Purus, no Amazonas. A história desse povo é ilustrada pelas guerras que enfrentaram para expulsar os grandes comerciantes de castanhas de suas terras. Em 1943, o extinto Serviço de Proteção ao Índio (SPI) identificou apenas cem deles. Em 1978, o grupo do seringalista Orlando França, afirma o Cimi Norte I, matou cerca de 80% da população juma. Em 1978 foram contabilizados apenas 12 índios. Os que sobreviveram, conta o antropólogo Gunter Kroemer, estavam em acampamentos distantes uns dos outros. "O ataque foi denunciado à Procuradoria Geral da República, mas nada foi feito", disse o antropólogo Gunter Kroemer.

Em 1990, o número tinha caído para oito. Três meninas: Guarai, Tohati e Pitanguí são filhas de Mariná e o indigenista Adolpho Kilian (explicando que o fato se deu numa tentativa de expandir a etnia). E por total incapacidade de Iduka em gerar filhos. Segundo Kilian, os jumas têm como característica amarrar no pênis folhas de banana brava com fios de algodão. "São valores culturais, mas que permitem que eles perciam a sensibilidade muito cedo, e com isso a capacidade de gerar filhos".

Os jumas não falam uma palavra em português e, segundo a Funai, eles se refugiaram na Amazônia há pelo menos 500 anos. São procedentes da nação tupi-cavaíba, vinda do leste do Brasil, mais precisamente da Mata Atlântica.

Campanha visa ajudar xavantes

ROMA — Várias associações ecológicas da Itália iniciaram uma campanha para conseguir cerca de US\$ 29,5 mil com o objetivo de ajudar os índios xavantes a recuperar as terras das quais foram expulsos, informaram hoje os organizadores.

Os grupos ecologistas Legambiente, WWF, Campagna Nord-Sud e Arcinova vão realizar festas e outras manifestações em 20 cidades italianas para reunir o dinheiro. A arrecadação se destina a contribuir para a delimitação da área conhecida como terra indígena.